

Em setembro o clima por lá é ainda seco e frio. Há muitos ventos e um céu turquesa iluminado no coração do mundo andino. A paisagem de pedras, cactos, terras altas, quebrada por um vale profundo, por vezes desnudos, e contornada pelas montanhas de cumes elevados, respira o silêncio de seus vínculos vivos e invisíveis.

Quebrada de Huichaira, na Província de Jujuy, Argentina, está a menos de 10 quilômetros de Tilcara, e, nestas terras, centro da Quebrada Humahuaca, o vento forte assobia, e os tempos moventes deixaram fraturas e testemunhos geológicos tão perfeitos que hipnotizam como uma pintura irretocável. A formação geológica da Quebrada vincula-se a registros estruturais atribuídos aos choques de placas tectônicas sobrepostas que conservaram em seus cerros uma paleta com variações de até 14 tons cromáticos, que se esparramam ao longo de sua extensão, perdendo-se na linha do horizonte.

Um olhar sensível e atento capta marcas profundas de um passado milenar de histórias e de uma resistência silenciosa de povos originários que percorriam essas regiões andinas anteriores aos incas. As comunidades remanescentes encontraram uma maneira singular de enfrentar a sucessão de fragmentações e rupturas que viveram nas terras dos Andes, resguardando uma reverência à Mãe Terra – Pachamama – que nutre o corpo e se manifesta na evocação aos espíritos. Nas terras andinas, sempre é tempo para celebrar e observar os ciclos da natureza e os seus ritmos, seja nas formas de colheita, de trabalhar juntos, de compartilhar saberes ancestrais, seja nas relações com a terra. Um mundo visível que se lança ao memorável. Mas não apenas.

A história deste livro começa com o encontro da artista visual Elaine Pessoa com um pedaço deste mundo andino, precisamente o de Quebrada de Huichaira, noroeste da Argentina, na ocasião em que integrava uma residência artística¹. O projeto apresentado pela artista lançava-se ao desejo de contemplar esta paisagem memorável – para não dizer admirável e estonteante – que se projetava aos videntes no mundo do visível. Entretanto a experiência do lugar estimulou a percepção da artista desde o início da residência e seguiu inquietando-a até culminar neste projeto.

¹ O programa de Residência Artística foi realizado no mês de setembro de 2019, em Quebrada Huichaira, Argentina, e teve a minha participação no acompanhamento dos trabalhos em suas fases de processo de criação e edição. O projeto de intercâmbio Brasil-Argentina foi idealizado no âmbito do projeto ACHO-Imagens/Ateliê Casa, Campinas-SP/Brasil em parceria com o *Museo en Los Cerros* (Mec), em Quebrada Huichaira, Argentina, sob direção do artista e fotógrafo Lucio Boschi.

Elaine Pessoa foi mimetizando-se com a paisagem para admirar a montanha, uma rocha solitária, um grande cacto, o aroma amargo da coca, as plantas, os rituais e a música dos *pueblos* andinos. Durante os dias vividos no *Museo en Los Cerros*² (Mec), na região de Humahuaca, local da residência, a espessura do silêncio e os acúmulos de tempos se impuseram à experiência da artista como pequenos sismos. Um tipo de tremor atento, aquilo que se sente e não se vê, mas que passa a habitar os sentidos e se apossa do território do pensar dando abrigo a emoções em profundidade, afeições subterrâneas, silêncios em estados latentes da paisagem. A experiência abriu o invisível dos tempos da paisagem e a artista compreendeu que era preciso romper com uma certa plasticidade para que outra paisagem surgisse.

Havia uma memória e um legado *da e na* paisagem que estava além de uma arqueologia do visível. Era preciso apreender os tempos em movimento e em permissão, aprender a se expressar como os guardiões silenciosos da montanha, os *cardóns* – espécie de cactos muito espinhosos presentes na paisagem local. O silêncio dos *cardóns*, como um tipo de idioma do tempo, expressava-se de forma lenta e irreverente. Eis que o deslizar-se do tempo passou a ser sentido e foi tornando-se imagem.

Estes momentos de aprendizados foram sendo registrados no diário da artista:

“Certo dia, trabalhando, uma ventania repentina espalhou ao redor do museu minhas folhas em branco. Ao me mover em busca dos meus papéis, sou atraída por uma árvore, um árbol, que já havia fotografado inúmeras vezes de diversos ângulos. Eis que chego mais perto de cada detalhe, vendo suas cascas, sombras, sentindo sua textura. Resolvo pegar duas de suas cascas e desenhar, sem muita precisão, os cerros que via ao meu redor.”

Elaine Pessoa sentiu-se na atmosfera dessas terras, tomada pelos tempos e mistérios, colocando afora de si, em uma coreografia de gestos e emoções, uma série de desenhos nascida do toque do papel com o tronco da árvore e a passagem do grafite pela folha.

“Acasos” que se aproximam do sentido atribuído por Fayga Ostrower (1995)³, quando escreveu que, por mais surpreendentes que sejam, eles “nunca surgem de modo arbitrário e sim dentro de um padrão de ordenações, em que as expectativas latentes da pessoa e os termos de seu engajamento interior representam um elo vital na cadeia de causa-efeito”.

² O *Museo en Los Cerros*, localizado no meio das montanhas e entre as comunidades de Huichaira, é dedicado à fotografia argentina, com coleção permanente e biblioteca especializada. O projeto foi pensado de forma a engajar a comunidade andina do local e possui um programa, entre outras atividades, educativo com bolsas destinadas a jovens estudantes interessados em aprender fotografia.

³ Ostrower, Fayga. *Acasos e criação artística*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013, p. 25.

É o que a artista revela em seus diários com outras palavras quando anotou: *“Simplesmente fui me permitindo experimentar estes movimentos repetitivos, deixando fluir a construção da experiência de como sentia aqueles cerros. Enquanto desenhava, deitava os papéis no chão e quase que instintivamente colocava pedras sobre esses papéis como se eu estivesse oferecendo o meu trabalho à terra, agradecendo a oportunidade de estar lá.”*

O intangível do tempo era evocado pelo gesto artístico. “Sentimos a passagem do tempo”, um dia escreveu Jorge Luis Borges (2011)⁴. E ainda completou:

“Que estranho pensar que dos três tempos em que dividimos o tempo – o passado, o presente, o futuro – o mais difícil, o mais impalpável, é o presente! O presente é tão impalpável quanto o ponto. Porque, se o imaginamos sem extensão, ele não existe; temos de imaginar que o presente aparente viria a ser um pouco o passado e um pouco o futuro”.

É como dizer que para Elaine Pessoa foi preciso olhar com as mãos, com o coração e com a respiração muito mais do que com os olhos para alcançar a paisagem. A série de desenhos nascida deste “acaso da criação” expressa partículas do lugar, misturando tempos, abalos de sentidos, uma espécie de conversão entre a artista e a paisagem. A obra da artista passou a dividir a criação simbolicamente poética e testemunhal com árvores nativas, oferecendo um lugar animista ao autoral.

As imagens que abrem e fecham *Los Cerros* remetem aos ciclos, os mesmos que atravessam as vidas das pessoas e suas relações com a natureza onde vivem. Esses desenhos renovam vínculos que unem e *re-unem*. Insistem na duração de um olhar, que deve se prolongar pelos traços levemente quebrados e expandidos em fissuras de intensa luz branca. As linhas convidam a caminhar pelos cumes e taludes para em seguida nos lançar em um mergulho abissal no profundo de uma paisagem misteriosa, escura, e ao mesmo tempo reveladora.

Em *Los Cerros*, as paisagens escondem-se em fundos negros. Outra importante insistência. Apresentam-se cortadas por baixas luzes em alto contraste anunciando apenas

⁴ Borges, Jorge Luis. *Borges, oral & Sete noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.77.

o entrever deste lugar nas suas existências mínimas. Por entre frestas dessas densidades de preto sobre preto é que desfilam evidenciações daquilo que está de passagem.

Procurando descobrir o que nos mostram sem mostrar, superfícies ilusionistas criam profundidades emaranhadas que buscam o telúrico. Há força e movimento em grandes voos de aves, e há peso e resistência em pedras, rochas, galhos e espinhos que inscrevem manchas implosivas de tempos. Formas em formação, estados latentes de coisas que poderíamos jurar ter visto postas nestes estados de desaparecimento. Luzes constroem espectros e movimentos que nos fazem imaginar e sentir formas, assim como quando vemos multidões de vaga-lumes que se movem iluminando noites escuras.

Los Cerros é essa tentativa assertiva de fazer um fotolivro, no qual o movimento da fotografia finca-se transversalmente em outras grafias. As fotografias nascem de uma outra forma de ser fotografia. Nascem com a experimentação de um desenho para logo em seguida ultrapassá-lo. Rendem-se aos gestos das mãos, que tocam e sentem a terra para saber mais. Do tatear das matérias e entre os materiais que se contaminam e se metamorfoseiam, transformando-se para ser ainda um pouco de cada um destes em suas singularidades universais. *Los Cerros* inventa lugares de linguagem para a fotografia na tentativa de encontrar com ela expressão para mundos invisíveis das paisagens, onde a terra segreda ancestralidades. É pensamento vivo, elevação e respeito.

Fabiana Bruno